

O MESTRE ARTUR EMÍDIO DE OLIVEIRA E A DEFESA DA CAPOEIRAGEM ENQUANTO “LUTA NACIONAL”¹

Roberto Augusto A. Pereira²

Resumo: Este artigo discute a atuação do mestre baiano Artur Emídio de Oliveira, na década de 1950, como “intelectual mediador” em defesa da capoeira como “luta nacional” e em meio a um contexto de construção de uma nova “representação” para a capoeiragem. A partir de sua atuação é possível perceber o protagonismo dos próprios capoeiras, que além de intervirem no campo da discussão teórica, presente nos jornais e pioneiramente na TV, incorporaram a defesa da capoeiragem enquanto “luta nacional” no campo prático, ao confrontarem outras lutas nos ringues. Deste modo, constatamos que a presença do mestre Artur Emídio neste período no Rio de Janeiro, então capital federal e centro cultural e político do país, realçando e representando a capoeira nos ringues e na mídia impressa e televisiva foi fundamental para a preservação e expansão desta prática.

Palavras-chave: Capoeira; Mestre Artur Emídio; Luta nacional; Século XX.

MESTRE ARTUR EMÍDIO DE OLIVEIRA AND THE DEFENSE OF CAPOEIRAGEM AS "NATIONAL FIGHT"

Abstract: This article analyzes the performance of mestre Artur Emídio de Oliveira, from Bahia, in the 1950s as an "intellectual mediator" in defense of capoeira as a "national fight" and in the context of the construction of a new "representation" for capoeira. From his performance, it is possible to perceive the protagonism of the capoeiras themselves, who in addition to acting in the field of theoretical discussion, present in the newspapers and pioneering in TV, incorporated the defense of capoeiragem as a "national fight" in the practical field, when confronting other combat fights in the ring. In this way, we verified that the presence of the mestre Artur Emídio in this period in Rio de Janeiro, then the federal capital of Brazil and cultural and political center of the country, highlighting and representing capoeira in the ring and in the press and television media was fundamental for the preservation and expansion of this practice.

Key words: Capoeira; Artur Emídio; National fight; Twentieth century.

Introdução

Nas últimas décadas do século XIX a capoeira era uma luta violenta, temida e praticada em diversos pontos do Brasil (SOARES, 1994). A repressão a sua prática, principalmente no Rio de Janeiro, então capital federal, foi intensificada após a ascensão dos republicanos ao poder, em 1889, e completou-se com o “golpe”, quase mortal, desferido com a edição do Código Penal de 1890,³ deixando-a em vias de perecer por completo nas

¹ Agradeço ao Prof. Dr Flávio Gomes, Universidade Federal do Rio de Janeiro; Prof. Dr. Antônio Liberac Cardoso Simões Pires, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; e ao Mestre Camisa (José Tadeu Carneiro Cardoso), Abadã Capoeira pela cessão do arquivo particular do mestre Artur Emídio.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil). Doutorando em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Email: roberto.pereira1789@gmail.com.

³ O artigo 402 do referido código criminalizou a prática da capoeira. Cf. Código Penal dos Estados Unidos do Brasil. Capítulo XIII - Dos vadios e capoeiras. Artigo 402-404. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>, acessado em

décadas seguintes (DIAS, 2001).

O seu não desaparecimento se deve a uma coletividade. Personagens, grande parte dos quais anônimos, que em lugares diversos do país, contribuíram de diferentes maneiras para preservá-la. Dentre estes tantos personagens, deve-se destacar a contribuição dos inúmeros capoeiras, que a partir das primeiras décadas do século passado saíram em defesa da capoeiragem, apontando-a como o “esporte” ou a “luta nacional”.

Esta nova “representação” da capoeira,⁴ segundo o historiador Antônio Liberac Pires (2001), surgiu entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX, a partir de uma parcela da intelectualidade que via esta manifestação como uma prática esportiva ou luta tão eficiente quanto o boxe inglês, jiu-jitsu japonês, ou qualquer outra, além do fato de ser “genuinamente nacional”.

Tal perspectiva, ainda segundo este autor, foi impulsionada na década de 1920 pela publicação da obra “Gymnástica Nacional (Capoeiragem) Methodizada e regrada” escrita pelo capoeira Annibal Burlamaqui (Zuma), e nos anos 1940 pela publicação de “Subsídios para o estudo da metodologia do treinamento da capoeiragem, do também capoeira Innezil Pena Marinho”.

A defesa da capoeiragem, entretanto, não se restringiu ao campo teórico. Muitos capoeiras, desde o início do século XX, e com mais intensidade da década de 1930 à de 1950, subiram aos ringues para defender a capoeiragem diante das mais diversas lutas.⁵

Dentre tantos, este artigo pretende analisar a contribuição, nos anos 1950, do mestre de capoeira baiano, de Itabuna, Artur Emídio de Oliveira, um dos últimos atores destas décadas de intensa participação da capoeira nos ringues.

O artigo aborda um período ainda pouco explorado pela historiografia, apesar da existência de fontes escritas e de testemunhais, como aponta o IPHAN (2007). Nesta pesquisa, portanto, utilizou-se, além da bibliografia sobre capoeira, de algum modo relacionada com o período específico, fontes primárias representadas pelos jornais *A Noite*, *Correio da Manhã*, *Diário Carioca*, *Diário de Notícias*, *Luta Democrática*, *Jornal dos Sports*, *Última Hora*; e revistas *O Cruzeiro*, *Radiolândia*, *Revista do Esporte* e *Revista da Semana*. Todos consultados a partir da Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional; assim como o arquivo particular do mestre Artur Emídio, depositário de recortes diversos de jornais colhidos ao longo dos anos por ele, além de

15/09/2017.

⁴ Utiliza-se neste trabalho o conceito de “representação” proposto por Roger Chartier, que se refere ao modo como se dá a “apreensão do real”, entendida como discursos construídos, eivados de interesses e que “produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas” (CHARTIER, 1990, p. 17).

⁵ Riqueldi Lise, em sua dissertação de mestrado, constata um crescimento dos combates intermodalidades nos anos 1910, no Rio de Janeiro, seguida por um arrefecimento na década seguinte. Ainda segundo o autor, “No final da década de 1920 e início dos anos de 1930, os periódicos cariocas e alguns paulistas voltam a anunciar alguns confrontos de caráter intermodalidades [...]” (LISE, p. 101). As seções esportivas dos periódicos dos anos 1930 registram uma presença acentuada de capoeiras nestes embates. Ao que parece, há uma retomada das lutas de ringue neste período, e a capoeira se destaca neste processo.

fotografias pessoais.

Recorreu-se a uma variedade significativa de jornais e revistas, devido ao fato de que, as evidências escritas encontradas em cada um (a) deles(a), separadamente, são reduzidas, deste modo, ao ampliar seu número, foi possível coletar uma quantidade relevante de dados.

A atuação do mestre Artur Emídio é analisada dentro do contexto de construção desta nova “representação” da capoeira enquanto “luta nacional, articulada com o intuito de conquistar-lhe reconhecimento social. Tal representação buscava, dentre outras coisas, romper com a imagem historicamente construída dos capoeiras, como grupos de ociosos, vadios e ganhar o apoio de amplos setores da sociedade e do próprio Estado para a capoeira (PIRES, 1996).

Deve-se destacar ainda, que o protagonismo do mestre Artur Emídio não se restringiu aos ringues, pois ao longo de toda sua trajetória o mestre baiano defendeu, também, em entrevistas e depoimentos, veiculados pela imprensa escrita e televisiva, assim como certamente em eventos dos mais diversos dos quais participou, a “superioridade” da capoeiragem diante das lutas estrangeiras, assim como a necessidade de sua valorização por parte do Estado e da sociedade.

Deste modo, o mestre Artur Emídio pode ser enquadrado como um “intelectual mediador”, no sentido atribuído a esta categoria de análise por Angela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen (2016).

As autoras questionam a concepção comumente usada de intelectual: a de um sujeito apartado de seu contexto histórico, capaz, a partir unicamente de sua “genialidade”, de criar teorias, idéias, explicações, etc., como se a sua individualidade estivesse alheia “às condições de sua produção social”. A partir da crítica a esta concepção, propõem uma “acepção mais ampla [onde intelectuais são vistos como] homens da produção de conhecimentos e comunicação de idéias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social” (GOMES e HANSEN, 2016, p. 10).

Tal perspectiva, deste modo, abarca como intelectual, os sujeitos históricos que se apropriam de determinada realidade social, teoria etc., e a partir de uma releitura ou interpretação própria, haja vista que o receptor não é um sujeito passivo, “subvertem-na” de diversas maneiras, antes de difundir-la, atuando, assim, como “intelectuais mediadores” ou “mediadores culturais”, função desempenhada plenamente neste caso ora estudado pelo mestre Artur Emídio de Oliveira, como será discutido.

1 – Precedentes

No processo de construção da identidade nacional de diversos países, em meio a atmosfera belicosa que antecedeu a primeira guerra mundial, um dos fatores de grande importância no sentido de conferir a determinadas nações algo de peculiar, que as diferenciasse ou atestasse, de alguma forma, sua singularidade diante das demais, foi, sem sombra de dúvidas, um

esporte próprio ou uma “luta nacional”.⁶

Assim como outros símbolos nacionais como a bandeira, o hino, monumentos, etc., um esporte autóctone ou uma luta própria eram/são práticas que podiam/podem incorporar, ou atrair para si, o sentimento de identificação de um povo com determinada nação, sobrepujando nesta, pelo menos momentânea e superficialmente, quaisquer outras diferenças internas de cor, classe ou credo. Pois, como explica José Cairus, em sua dissertação sobre o “clã Gracie” e a construção do jiu-jitsu brasileiro, “Além disso, esportes, incluindo artes marciais, tornaram-se substitutos para a guerra, onde as nações podiam provar sua superioridade sobre as outras.” (CAIRUS, 2012, p. 83).⁷

No Brasil, no início do século XX, uma pequena parte da intelectualidade elegeu a capoeiragem, uma prática criada pelos africanos em solo nacional (SOARES, 2004), como esta luta peculiar, que deveria representar o país, diante das demais. A capoeiragem seria, para eles, um dos componentes “inventariados” no processo de construção da identidade nacional brasileira, pois como aponta Anne-Marrie Thiesse: “A criação das identidades nacionais consistirá em inventariar este patrimônio comum, isto é, de fato em inventá-lo” (THIESSE, 2001/2002, p. 8).

Ainda de acordo com tais intelectuais, esta manifestação, ainda criminalizada pelo código penal de 1890, seria a autêntica “gymnastica brasileira” ou “lucta nacional”, e a sua prática deveria ser defendida diante dos esportes estrangeiros, estimulada e até incluída nos quartéis e escolas como atividade desportiva (PIRES, 2001; REIS, 1997).

Contudo, havia um impasse que precisava ser solucionado. A capoeiragem, à época, era uma prática malvista, tanto por ser de origem negra, e o Brasil acabara de sair do regime de escravidão, quanto pela atmosfera turbulenta e violenta criada pelos capoeiras, principalmente na então capital federal, Rio de Janeiro, em todo do século XIX, e ainda viva na memória de muitos.⁸

Deste modo, tais intelectuais, na busca de um símbolo identitário para o Brasil, imbuídos do pensamento racista e evolucionista vigente no período, construíram uma nova “representação” para a prática da capoeiragem, distorcendo o seu passado, e moldando sua história de acordo com os seus interesses, mesmo que estes entrassem claramente em choque com a realidade (REIS, 1997).

Neste sentido, as primeiras notícias impressas nos jornais a respeito de um confronto entre um capoeira e um praticante de outra arte marcial – a luta, entre o negro Ciríaco e o japonês Sada Miako, em 1909,⁹ no “Pavilhão Nacional” no Rio de Janeiro – não deixa dúvidas sobre a intenção dos referidos intelectuais. Segundo Cairus, após a luta, vencida pelo capoeira Ciríaco, muito repercutida pela imprensa nacional e apontada como uma

⁶ A respeito da importância de diversos elementos e fatores que se entrelaçam no processo de construção de uma identidade nacional, cf. Thiesse (2001/2002); Hobsbawm (1990); Hobsbawm e Ranger (1997). Para uma discussão sobre o processo de construção da identidade nacional brasileira, cf. Fiorin, 2009.

⁷ Tradução nossa.

⁸ Sobre a capoeiragem deste período, cf. Dias (2001); Soares (1994).

⁹ Para um relato da luta e imagens publicadas por jornais da época ver Moura (2009).

prova cabal da superioridade da “luta nacional” diante das estrangeiras, o jornal *O Malho*:

depois que muitos artigos sobre a luta [...] encontrou uma maneira de restaurar a hierarquia racial posta de cabeça para baixo pela vitória de Cyriaco. Uma caricatura publicada na revista chamou seu triunfo de “a vitória de um mulato”, ignorando a negritude de Cyriaco. Transformar Cyriaco em um mulato em vez de se referir a ele como negro foi certamente uma tentativa de torná-lo aceitável para a elite local (CAIRUS, 2012, p. 29).¹⁰

Como se nota a partir da passagem citada, foi feito todo um malabarismo no intuito de adequar a capoeiragem aos “interesses da nação”, ou melhor dizendo, aos interesses de setores da “elite”, apresentando o capoeira negro Ciriaco como um “mulato”, como apontado por Cairus.

Pouco mais de uma década após a vitória de Ciriaco, O Jornal *Diário de Notícias* retomou, com o mesmo teor, a “campanha em prol da luta brasileira”. Em umas das inúmeras notas publicadas então, o periódico tecia um elogio exultante ao “extraordinário esforço que o consagrado atleta Agenor Sampaio (Sinhozinho) ¹¹ está fazendo para firmar o prestígio da “luta brasileira”, ou seja da capoeiragem aperfeiçoada como método científico de defesa pessoal sem armas.”

Ainda no texto, destacava-se que “houve um tempo em que a capoeiragem e a malandragem eram sinonimos, isto porém já se perdeu na poeira do passado” pois a capoeiragem teria sido “rehabilitada”. O *Diário de Notícias* concluía a nota traçando uma comparação da capoeira com outras lutas e fazia um apelo ao “nosso público [...] a fim de que ela adquira a popularidade do box, do jiu-jitsu, da luta romana, etc., visto como é sem exagero, superior a qualquer dessas lutas”.¹²

Concomitante a este debate travado no campo teórico e jornalístico, uma intensa batalha se iniciava no campo prático, pois no intuito de demonstrar a “superioridade” da capoeiragem diante das demais lutas, ela precisava ser testada, provada, precisava ter demonstrada sua “eficácia” e, concretamente esse “teste” aconteceu nos ringues e teve, necessariamente, como protagonistas os próprios capoeiras.

Como afirma Frederico de Abreu ao se referir àquele que provavelmente foi o maior lutador/defensor da capoeiragem nos ringues, saindo invicto de todos os embates que travou: “Naquele tempo, Bimba ¹³ vai

¹⁰ Tradução nossa.

¹¹ Sinhozinho foi um dos personagens mais conhecidos da capoeiragem do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX. Praticava uma capoeira sem a musicalidade e ludicidade. Nos anos 1930, encabeçou a referida campanha promovida pelo Jornal *Diário de Notícias* em defesa da capoeiragem, chegando a assinar uma coluna no periódico. Além de capoeira, era adepto de diversas outras modalidades como boxe, levantamento de peso, etc., atividades nas quais tinha diversos alunos. Para mais sobre Sinhozinho ver Lopes (2002); Pires (2001).

¹² *Diário de Notícias*, 19 jul. de 1931, Hemeroteca Biblioteca Nacional (BNDigital), <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acessado em 20/08/2017.

¹³ Manoel dos Reis Machado, o mestre Bimba referido, foi um famoso capoeira baiano, criador no final dos anos 1920 de uma das vertentes mais conhecidas da capoeira, a “Regional”. Sua criação cindiu a capoeiragem baiana, e depois brasileira, em duas vertentes principais, a própria regional, e a “angola”, organizada, dentre outros, em torno do mestre baiano Vicente Ferreira Pastinha. O mestre Bimba desafiou e protagonizou na

preferencialmente defender e demonstrar o valor da sua capoeira Regional é no seu meio. No meio de [...] bravos lutadores” (ABREU, 1999, p. 23).

Ao longo de toda a primeira metade do século XX, até meados da segunda, diversos periódicos registram que a capoeira teve presença constante em embates contra adversários dos mais diversos estilos, desde lutadores de “luta livre americana”, até lutadores de jiu-jitsu.

Neste contexto de construção da “representação” da capoeiragem enquanto “luta nacional”, forjada dentro e fora dos ringues, o papel desempenhado pelo mestre e lutador Artur Emídio de Oliveira, um dos grandes capoeiras a subir nos ringues com o intuito de comprovar a “superioridade” desta luta diante das demais, e um dos pioneiros na difusão da capoeira baiana além fronteira, na segunda metade do século XX, foi deveras relevante, como será discutido.

2 – “Um idealista da capoeiragem”

Quando Artur Emídio de Oliveira chegou ao Rio de Janeiro, no início dos anos 1950, havia um vácuo no que se refere à prática da capoeira na ainda capital do Brasil. Nas primeiras décadas do século XX, a referida tentativa, encampada por setores da elite, de soerguê-la e apresentá-la como a “luta nacional”, não surtiu o efeito esperado, tanto que em 1950, o *Jornal Diário de Notícias*, em uma coluna intitulada “p’ra ler no bonde”, registrava o queixume:

Tem-se deixado de lado, lamentavelmente, a luta brasileira, para se cultivar com mais carinho sistemas defensivos estrangeiros [...] Há anos, esboçou-se um movimento, com o apoio deste jornal, para fazer ressurgir a capoeiragem.” E concluía o colunista com um apelo: “O jiudo (sic) e o “catch” são excelentes, ninguém o contesta, mas a capoeiragem tem também grande valor, além de ser uma luta eminentemente nossa. Portanto, vamos ver se alguém se mexe em favor da luta brasileira [...]”¹⁴

O apelo, de cunho nacionalista, expunha nas entrelinhas a falta de apoio, principalmente por parte do Estado, àquela que era apresentada como “uma luta eminentemente nossa.” Apesar disso, a capoeiragem no Rio de Janeiro lentamente se revigorou¹⁵, e este processo, ainda não estudado a fundo, ocorreu principalmente por obra dos próprios capoeiras, em um

Bahia, em Salvador, nos anos de 1930, uma série de lutas contra outros capoeiras, das quais saiu invicto e consagrado como o “campeão baiano de capoeira”. A nota citada faz referência à capoeira regional, porém, há de se destacar que diversos capoeiras de “angola” também subiram aos ringues, como aponta ainda o autor ao longo de seu livro. Para mais a respeito da capoeira angola, regional, mestre Bimba e Pastinha, Cf. Sodré, (2002); Vassalo (2003); Freitas (2015).

¹⁴ *Diário de Notícias* 11 nov. 1950. Hemeroteca Biblioteca Nacional (BNDigital), <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acessado em 22/08/2017.

¹⁵ Não se pode afirmar que a capoeira “ressurgiu” no Rio de Janeiro deste período, haja vista que a capoeiragem não desapareceu por completo na então capital federal. Além do núcleo de capoeira liderado por Sinhozinho, na zona sul, a capoeira de rua continuou existindo em diversas áreas da cidade. Para uma brevíssima discussão a este respeito, relacionando esta capoeira com o samba dos morros cariocas na primeira metade do século XX, ver (PIRES, 2001, pp. 115-118).

movimento marcadamente influenciado pela emigração de baianos, iniciada em meados dos anos 1940 e intensificada nas décadas seguintes.

Neste período, uma leva de nordestinos se deslocou para o sudeste do Brasil, grande parte para o eixo Rio-São Paulo. As duas capitais eram pólos atrativos para pessoas de todo o país que buscavam emprego e melhores oportunidades (CARVALHO e PEREIRA, 2008).

Parte destes emigrantes nordestinos provinha da Bahia, e dentre eles, muitos eram capoeiras. A radicação destes emigrantes baianos no Rio e São Paulo, assim como em muitos outros estados do Brasil foi um fator decisivo para o posterior desenvolvimento da capoeira em muitos deles (CAPOEIRA, 1992). Todavia, há de se observar que este não foi um desdobramento previsto ou calculado, pois em sua maioria absoluta estes capoeiras que chegavam da Bahia não vinham com a intenção primeira de garantir sua sobrevivência a partir da prática da capoeiragem ou mesmo de difundi-la.

Almir das Areias, um dos personagens/emigrantes que vivenciou este período, ao se referir a chegada dos capoeiras baianos a São Paulo afirma que “Chegantes, na terra da garoa, nos seus primeiros momentos os capoeiristas não se ocuparam da capoeira. Vieram para cá para ganhar a vida e a busca do pão de cada dia era determinante” (AREIAS, 1983, p. 73).

O mestre Artur Emídio, ao que parece, é a exceção que confirma a regra. Dentre os inúmeros capoeiras baianos que migraram para o eixo Rio-São Paulo neste período em busca de uma vida melhor, ele foi um dos raros que deixou a Bahia apostando na potencialidade da capoeira como principal atividade, com o propósito deliberado de defendê-la nos ringues e torná-la conhecida. Apesar disso, teve a necessidade de desenvolver outras profissões para garantir o seu sustento, concomitantemente.

Em uma entrevista, ilustrada com imagens, concedida à *Revista do Esporte*, Emídio conta como pricipiou sua trajetória, tendo iniciado na capoeira:

Com “Paisinho”, cujo nome verdadeiro era Teodoro Ramos. Tinha eu 7 anos quando estava eu trocando pontapés, amistosamente. Ele me viu e foi o bastante. Todos os dias, às 6 horas da manhã, tirava-me da cama para ensinar-me. Infezilmente isso durou pouco. Dois anos depois Paisinho faleceu e eu jamais procurei outro mestre.¹⁶

São escassas as informações acerca do mestre “Paisinho”. De acordo com Pires, ele era tamanqueiro, teria aprendido capoeira com um africano, fazia rodas de capoeira, as quais eram regidas por berimbau e acompanhadas por reco-reco e pandeiro, sem atabaque, contudo, e morreu vítima de meningite (PIRES, 2001, p. 120-1). Outro fato interessante apontado pelo autor, que pode servir para compreender o envolvimento do mestre Artur Emídio com o mundo das lutas, é que o seu aprendizado teria sido “em um local onde também já havia se iniciado o processo de entrada da capoeira no rol das artes marciais” (IDEM, p. 120).

Segundo o próprio Artur Emídio, em depoimento à coluna “luvas e quimonos”, publicada pelo Jornal *Luta Democrática*, “Em 1952 [...] chegou às minhas mãos, lá na Bahia, uma revista que publicava detalhes da luta entre

¹⁶ *Revista do Esporte*, ano 1, n. 30, 1959. Hemeroteca Biblioteca Nacional (BNDigital), <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acessado em 01/09/2017.

Carlson e Cirandinha. Arrumei as malas e rumei para aqui. Afim de mostrar aos cariocas o que era a verdadeira capoeiragem.” A coluna, que caracterizava Emídio ainda como “o idealista da capoeiragem”, afirmava que “o desejo do baiano Artur Emídio é equiparar a capoeira ao jiu-jitsu e ao judô como arma de defesa pessoal.”¹⁷

O desejo do mestre baiano de mostrar o que era “a verdadeira capoeira”, certamente, deu-se diante da derrota do capoeira Cirandinha noticiada pela revista. Tudo indica, por sua vez, que o mestre Artur Emídio participava de competições desde quando ainda residia na Bahia. Em uma pequena nota do seu arquivo particular, por exemplo, há um registro de sua passagem por São Paulo, em 1954, onde visitara a redação de um jornal para anunciar que estava “disposto a enfrentar qualquer lutador, ele na capoeira.”

Na nota, lê-se, ainda, que ele apresentou aos redatores do periódico “um álbum de fotografias e recortes de jornais do Rio e *da Bahia*, os quais documentam suas excepcionais qualidades, mormente na capoeira”¹⁸ (grifo nosso).

Nos anos 1950, as disputas nos ringues entre atletas de diversas artes marciais estavam em alta. Os jornais no período tinham um papel fundamental na organização e divulgação dos embates, pois, através deles, os desafios eram lançados, aceitos ou recusados e as lutas acertadas. Deste modo, talvez, ao tomar conhecimento, a partir da imprensa, da existência de um cenário de lutas muito mais amplo e de importância nacional, e da inserção da capoeira nele, Artur Emídio deixou a Bahia, no início dos anos 1950, buscando se inserir nestas disputas, concentradas no eixo Rio-São Paulo.

Esta assertiva é corroborada por uma das primeiras notas da imprensa nacional publicadas a seu respeito: um desafio lançado por ele, ao já famoso lutador carioca Rudolf Hermani ¹⁹, apontado pela imprensa como “o autêntico campeão carioca”.

A nota, publicada pelo Jornal *Última Hora*, apresentava Emídio como “um rapaz de 60 quilos e 23 anos de idade. *Veio ao Rio de Janeiro tentar umas lutas e conhecer Hélio Gracie, seu herói.*”²⁰ (grifo nosso). Nas entrelinhas, percebe-se que Emídio era, ainda, uma personalidade pouco conhecida, um aventureiro, que chegava à cidade para “tentar a sorte” nos ringues.

Note-se que para um jovem pobre, negro, morando uma pequena cidade do interior do Brasil, como Itabuna, nos anos 1950, eram poucas as oportunidades de crescimento financeiro, profissional, dentre outros. Como aponta o pesquisador Fred Abreu, as lutas de ringue, populares no Brasil

¹⁷ Recorte de jornal, não datado, do arquivo particular do mestre Artur Emídio. Este número, em particular, não está disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Todavia, a partir do comentário que Artur Emídio faz, na nota, sobre sua última luta, com Robson Gracie, pode-se deduzir que a publicação seja do mesmo ano, 1957.

¹⁸ Recorte de jornal do arquivo particular do mestre Artur Emídio.

¹⁹ Hermani, também capoeira, era aluno de “Sinhozinho”. Artur Emídio foi derrotado nesta luta. Para mais, cf. Lopes (2002).

²⁰ Jornal *Última Hora*, 2 jun. 1953. Hemeroteca Biblioteca Nacional (BNDigital), <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acessado em 01/09/2017.

então, eram “uma oportunidade para obter dinheiro, saúde e consideração, coisas difíceis para um negro comum obter na época, raras eram as oportunidades. O ringue era uma delas” (ABREU, 1999, p. 72).

Em busca de melhores oportunidades, Artur Emídio, pelo que ainda se percebe da passagem de *Última Hora*, foi à procura dos “ases”, no que se referia às lutas no cenário nacional: a família Gracie. Certamente, não se tratava somente de conhecer “Hélio Gracie, seu herói”, como retratou o jornal, até porque Emídio não era entusiasta do jiu-jitsu. Pode-se interpretar esta busca elogiosa e reverente ao “mito” brasileiro da luta japonesa, como uma estratégia utilizada pelo mestre baiano para adentrar no epicentro do mundo das lutas, ganhar espaço e tornar-se conhecido em meio a tantos lutadores.

Hélio Gracie, um dos maiores nomes das artes marciais no século XX, foi o criador, juntamente com seu irmão Carlos, do que viria a ser conhecido como “jiu-jitsu brasileiro”. Segundo Cairus, o

[...] jiu-jitsu brasileiro é um esporte de combate híbrido que tem raiz em uma escola de artes marciais desenvolvida no período Meiji no Japão e introduzida pelos militares no Brasil como parte de um projeto maior para promover a “modernização” após o estabelecimento do regime republicano (CAIRUS, 2012, p. 8).²¹

Nos anos 1950, os Gracie e o “jiu-jitsu brasileiro” já eram uma “marca” consolidada no ramo de lutas. Para se ter uma dimensão aproximada do status conquistado pelo “clã”, já na época, ainda de acordo com Cairus:

Na década de 1950, os Gracies deixaram de constar apenas em seções esportivas dos jornais e passaram a frequentar as páginas dos veículos de mídia mais populares do Brasil, incluindo a famosa revista *O Cruzeiro*. A associação dos Gracies com o regime populista e suas ideologias desenvolvimentistas tornou-se completa (CAIRUS, 2012, p. 12).²²

Neste sentido, era compreensível a atração que a referida “família” exercia sobre os mais diversos atletas, como Artur Emídio, pois se tratava de lutadores que haviam conseguido alcançar o topo da pirâmide esportiva e social, lugar almejado, certamente, por todos que subiam ao ringue.

O Jornal *A Noite* registrou, cerca de um mês antes do desafio lançado a Hermani, uma visita feita por Artur Emídio à academia dos Gracie. Pela atenção dada por eles ao jovem baiano, ao recebê-lo em sua academia para uma demonstração de capoeira, coberta pela imprensa, assim como pela deferência do jornal, percebe-se que não se tratava de um simples capoeira, apesar da pouca idade. Segundo *A Noite*:

Está no Rio o famoso capoeira Artur Emídio de Oliveira, jovem com 22 anos [...] Revelando esmerada educação o simpático “sportman” foi ter a Academia Gracie para uma demonstração. Hélio Gracie, o “campeoníssimo” brasileiro preparou o “show” para uma assistência de mais de 20 jornalistas e outros convidados.²³

²¹ Tradução nossa.

²² Tradução nossa.

²³ *A Noite*, 27 mai. 1953. Hemeroteca Biblioteca Nacional (BNDigital), <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acessado em 08/09/2017.

Ainda segundo a nota publicada por *A Noite*, seguiu-se uma demonstração de luta entre Artur Emídio e Robson Gracie, com quem Emídio se defrontaria nos ringues em uma luta amplamente divulgada pela imprensa anos depois, e outra demonstração, somente de capoeira, caracterizada pelo periódico como “um espetáculo empolgante, cheio de lances espetaculares, digna de um grande público”. O elogio tornar-se-ia uma tônica, daí por diante, nas referências da imprensa ao mestre Artur Emídio e as suas habilidades enquanto capoeira.

A caracterização de Emídio como “famoso capoeira baiano”, talvez se deva ao fato de que, antes de se radicar definitivamente no Rio de Janeiro, ele havia feito uma passagem vitoriosa pelos ringues de São Paulo. Segundo o próprio Artur Emídio: “fiquei dois meses desafiando qualquer lutador, de qualquer modalidade dentro da capoeira. Depois de dois meses apareceu um lutador de luta livre Edgar Duro, e a luta foi travada no Circo Piolim [...]” (*apud* FERREIRA, 2007, p. 113).

De acordo com Pires, a referida luta “definitivamente o colocou entre os grandes lutadores da época. [...] A capoeira acabou tendo respaldo nesse encontro de vale-tudo e Artur derrotou seu adversário Edgard Duro e foi aclamado pelo público paulista” (PIRES, 2001, p. 121). A vitória sobre Edgard Duro, certamente, “abriu as portas” para outras lutas e iniciou a projeção de seu nome no cenário nacional como lutador.

3 – Um “intelectual mediador” em defesa da capoeiragem

A entrada de Artur Emídio no cenário nacional das lutas, por sua vez, não significou apenas a participação de mais um capoeira na acirrada disputa entre as diversas artes marciais. Emídio trouxe novamente, como o mestre Bimba e outros capoeiras haviam feito antes, a capoeiragem para o centro das atenções, e desta vez, em seu caso, para o centro econômico, político e cultural do país, o eixo Rio-São Paulo.

Ademais, a partir de sua passagem pela capital paulista e radicação no Rio de Janeiro, o mestre Artur Emídio tornar-se-ia um dos maiores divulgadores/“mediadores” – não só nos ringues, mas através nas páginas da imprensa escrita –, da capoeiragem enquanto “luta nacional”.

Além disso, é necessário destacar que ele foi pioneiro em alguns terrenos ainda inexplorados pelos capoeiras, como a TV, recém surgida no Brasil, nos anos 1950, primeiramente em São Paulo, depois no Rio de Janeiro. Ao longo da década de 1950 e 1960, ele fez várias aparições nas TVs Tupi, Rio e Record,²⁴ sozinho ou acompanhado por seus alunos, para exibições ou lutas.

Por mais que a programação das TVs durante toda a década de 1950 fosse local, ou seja, “os telespectadores podiam captá-la num raio máximo de 100 quilômetros em torno do transmissor que gerava as imagens” (HAMBURGUER e BUCCI, 2000, p. 11), e ainda restrita a um segmento

²⁴ Dentre outros, o Jornal *Luta Democrática*, por exemplo, trás diversas notas anunciando participações do mestre Artur Emídio, entre o fim dos anos 1950 e início dos 1960, em diversos programas de TV. Cf. Jornal *Luta Democrática* 03 mai. 1958; 15 abr. 1958; 11 jul. 1958; 10 mai. 1959; 26-27 mar. 1961. Hemeroteca Biblioteca Nacional (BNDigital), <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acessado em 15/09/2017.

diminuto da sociedade ²⁵ com poder aquisitivo para comprar um aparelho, não se pode subestimar o impacto que teve a exibição de espetáculos e competições de capoeira na TV, tanto para os praticantes, quanto para os telespectadores.

Deste modo, percebe-se que a atuação do mestre Artur Emídio foi muito além dos ringues, pois ele fez amplo uso dos meios de comunicação, raramente acessíveis a pessoas de pouco poder aquisitivo – a não ser nas malfadadas páginas policiais – com declarações, entrevistas, depoimentos, pequenas notas, chamando a atenção do público para a existência e necessidade de apoiar a capoeiragem, dentre todas, a “luta genuinamente brasileira”.

Note-se que tais enunciados, reproduzidos pela imprensa, longe de neutros, eram parte das lutas de representações que se travavam naquele momento em torno da capoeiragem. A “representação” da capoeira como “luta nacional”, apropriada e divulgada pelo mestre baiano, longe de ser algo natural ou objetivo, era na verdade uma das apreensões possíveis da realidade, uma das possíveis representações da prática da capoeiragem, ou seja, tratava-se de uma representação que, “embora aspirasse à universalidade”, era uma tentativa de um grupo de “impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio”(CHARTIER, 1988, p. 17).

Deste modo, o mestre Artur Emídio é um exemplo, a partir de sua atuação, de que a defesa da capoeiragem, no campo das idéias, não ficou somente a cargo de escritores, acadêmicos, “intelectuais”, no sentido *strictu* em que este termo é comumente usado. Sua persistência, no intuito de construir uma representação da capoeiragem que fosse valorizada pela sociedade, ou, em outras palavras, no sentido de buscar um “reconhecimento social” para a prática, o coloca no patamar de um “intelectual mediador”.

Ademais, a defesa da capoeiragem por parte do mestre Artur Emídio, nos ringues e fora deles, possibilitou

colocar os bens culturais [no caso, o bem, a capoeira] em contato com grupos sociais mais amplos, formando públicos, “criando” novos produtos culturais ou novas formas de comunicação e aproximação de produtos culturais conhecidos [...](GOMES e HANSEN, p. 17).

Ao dar voz e visibilidade a um setor historicamente marginalizado e desprestigiado, os capoeiras, o mestre Artur Emídio fazia a capoeira continuar conquistando espaços de prestígio, afastando-se cada vez mais das páginas policiais dos periódicos, e adentrando o noticiário esportivo, assim como colunas sociais.

A capoeira, portanto, ia aos poucos atingindo “grupos sociais mais amplos”, com pouco ou nenhum contato com sua prática, restrita, à época, a raros núcleos, circunscritos ainda, principalmente, à periferia de algumas cidades, como Salvador e Rio de Janeiro.

²⁵ Segundo Mattos (1990, p. 11), entre 1958 e 1960, o número de televisores em uso no Brasil, saltou de 344.000 para 598.000. O número de telespectadores, contudo, era bem superior, haja vista que em uma residência havia vários telespectadores.

Por outro lado, a sua atuação enquanto “intelectual mediador” deve ser analisada dentro do contexto histórico de crescente nacionalismo porque passava o país. O auge de sua carreira nos ringues coincide com o governo “nacional-desenvolvimentista” de Juscelino Kubitschek (1956-1961), em que, segundo Thomas Skidmore: “havia um apelo ao senso de nacionalismo. Era o “destino” do Brasil “tomar o caminho do desenvolvimento” (SKIDMORE, 1982, p. 207).

Os anos 1950 viram “renascer” uma busca pela identidade nacional no Brasil. Como afirmam Tcharly Briglia e Sandra Sacramento:

Se fosse possível escolher um período do século XX que conseguiu reacender a chama da identidade nacional, tal como os modernistas de 1922 tentaram fazer, certamente, esse momento foi a década de 50. [...] No fim daquele decênio, era como se as diferentes formas de manifestação da cultura brasileira estivessem em comunhão para conferir à arte tupiniquim o tom que lhe era próprio. A música, o cinema, o teatro, a literatura, enfim, as diversas linguagens, ganhavam novos formatos e, gradativamente, um novo país estava sendo construído, com direito até a uma nova sede política (BRIGLIA e SACRAMENTO, 2010, p. 203-4).

Neste sentido, por mais que já houvesse passado décadas das primeiras proposições, no campo intelectual, de defesa da necessidade de um apoio à capoeiragem por parte de autoridades, e de um reconhecimento social à sua prática, esta mesma proposição, neste momento, não soava como algo deslocado ou ultrapassado.

Pelo contrário, o forte viés nacionalista em voga na sociedade, também se refletia nos ringues, quando os lutadores de artes marciais – geralmente de origens nacionais diversas –, defrontavam-se, buscando, dentre outras coisas, comprovar a “superioridade” de sua luta sobre as demais.

Isto fica claro, por exemplo, ao analisar o apelo dirigido ao público, em uma extensa entrevista concedida ao jornal *Correio da Manhã*, em que o mestre Artur Emídio denunciava uma “campanha” contrária a capoeiragem e saía em sua defesa. Em suas palavras:

A capoeira (ou capoeiragem) tem sido vítima de uma campanha sistemática, porém mal dirigida, porque nascida da ignorância e da incompreensão. Tal modalidade é tão “esporte” quanto o jiu-jitsu, o judo, o box e as demais práticas afins. [...] *A nossa – a brasileira – a capoeira - poderá ser para a nossa gente o que é o pugilismo para os sobrinhos do Tio Sam.* ²⁶ (Grifo nosso)

Note-se, que, ao fazer a defesa da capoeiragem com um forte apelo nacionalista, o mestre Artur Emídio não se dirigia somente aos seus pares, os capoeiras, ao seu grupo social, ou a um grupo específico e restrito da sociedade. Muito além disso, as suas declarações eram dirigidas a um público certo e muito mais amplo: a toda “nossa gente”, sem distinção de classe, cor ou credo.

Dois anos depois, por exemplo, ele declarava à *Revista do Esporte* que:

²⁶ *Correio da Manhã* 31 mar. 1957. Hemeroteca Biblioteca Nacional (BNDigital), <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acessado em 15/09/2017.

“No dia em que as autoridades brasileiras me apoiarem, mostrarei que não existe esporte mais bonito ou exercício mais perfeito para o corpo humano do que a nossa capoeira.”²⁷ Esta última declaração, que poderia soar como um simples apelo às autoridades, pode ser lida, na verdade, como uma crítica à falta de apoio por parte das mesmas “à luta genuinamente brasileira”.

Deste modo, dirigindo-se a grupos sociais dos mais diversos, o mestre Artur Emídio – após se apropriar de uma representação da capoeiragem que lhe era anterior – a partir de sua atuação, conseguiu torná-la acessível a um público mais vasto, transformando-se, de um simples praticante da “luta nacional”, em um importante “mediador cultural” que contribuiu significativamente na trajetória da capoeira em direção a se constituir como uma representação simbólica da identidade nacional.

Note-se, por sua vez, que a atividade de mediação cultural empreendida pelo mestre baiano foi de importância crucial, na medida em que, conforme explica Thiesse:

A formação das identidades nacionais [...] não consiste unicamente na elaboração de novas representações coletivas: ela está acompanhada de um gigantesco trabalho pedagógico para que parcelas cada vez maiores da população as conheçam e nelas se reconheçam (THIESSE, 2001/2002, p. 8).

Todavia, este caminho trilhado pelo mestre Artur Emídio na defesa e divulgação da “luta nacional” foi entremeadado de obstáculos, tanto nos ringues, como fora deles.

Ao analisar o percurso do mestre Artur Emídio, por exemplo, não é necessário redobrar a atenção para perceber também, que diante de uma variedade de lutas (boxe, luta livre americana, judô, etc.), ele fazia uma constante referência, nas suas diversas declarações, em particular ao jiu-jitsu. Observando mais atentamente, fica claro que não se tratava, contudo, de uma mera citação, ao acaso, de uma arte marcial, dentre tantas que se confrontavam nos ringues com a capoeira.

Na verdade, constatou-se ao longo desta pesquisa que a trajetória da capoeira em grande parte do século XX, em seu percurso para se constituir como a “luta nacional”, ocorreu em paralelo ao surgimento, aperfeiçoamento e consolidação do “jiu-jitsu brasileiro”, criado pela família Gracie. Pode-se mesmo afirmar, categoricamente, que o também chamado “Gracie jiu-jitsu” foi o maior obstáculo, nos ringues, no caminho do reconhecimento da capoeira enquanto “luta nacional”.

Para compreender esta complexa relação da capoeiragem com o jiu-jitsu, é necessário fazer uma breve discussão sobre a luta japonesa no Brasil, destacando alguns de seus embates com a “luta brasileira” nos ringues e fora deles, até chegar ao mestre Artur Emídio.

4 – No ringue com o jiu-jitsu

A partir do aprendizado do jiu-jitsu com o mestre japonês Mitsuyo Maeda, também conhecido pelo nome artístico de Conde Koma, em Belém, do Pará, em 1917, Carlos Gracie, primogênito da família homônima, deu

²⁷ *Revista do Esporte*, ano 1, n. 30, 1959. Hemeroteca Biblioteca Nacional (BNDigital), <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acessado em 15/09/2017.

origem a uma nova vertente da luta japonesa, aperfeiçoada posteriormente por seu irmão mais novo Hélio Gracie. A partir do final dos anos 1920, a família Gracie, já radicada no Rio de Janeiro, iniciou uma jornada, que durou décadas, no sentido de consolidar a sua criação e demonstrar, também nos ringues, a superioridade do “jiu-jitsu brasileiro” sobre as demais artes marciais (CAIRUS, 2012).

De acordo com Felipe Awi,

Nada contribuiu mais para a popularização do jiu-jitsu do que a incrível capacidade da família de vendê-lo como a arte marcial mais eficiente do mundo[...] para isso, precisaria encontrar “inimigos” representantes de outras modalidades que estivessem dispostos a testá-las diante do jiu-jitsu. As lutas em pé sempre foram os principais alvos (AWI, 2012, p. 44).

Dentre estas, o autor cita como preferenciais adversárias, a capoeira, pelo fato de ter o “status de luta verdadeiramente brasileira”, e o boxe que estava em ascensão. E cita um depoimento curioso de um dos integrantes da família Gracie, Robson, filho do patriarca do jiu-jitsu, Carlos Gracie: “O papai ficava caçando um bom capoeirista ou pugilista para fazer desafios na rua ou a portas fechadas” (AWI, 2012, p. 44).

Note-se que, se a capoeiragem era apontada, por alguns, como a “luta nacional”, para que o jiu-jitsu, uma luta estrangeira, ganhasse adeptos no país e se consolidasse enquanto luta, se não “nacional”, pelo menos predileta, teria que ultrapassar esta “barreira”, ou seja, teria que submeter preferencialmente a capoeiragem, que era objeto, mesmo que por parte de um setor minoritário, de uma campanha de valorização e de reconhecimento enquanto “luta nacional”.

Deste modo, a estratégia de divulgação e consolidação do “jiu-jitsu brasileiro” utilizada pela família Gracie se concretizaria a partir da demonstração de sua “superioridade”, confrontando e derrotando as outras artes marciais, e em particular a capoeiragem.

Este confronto, entretanto, não ficou restrito ao limitado espaço das arenas de combate, foi além, extrapolando a fronteira dos ringues, e, pode-se afirmar que, nele, os Gracie contaram também com o providencial apoio, de amplos setores das “elites”,²⁸ da imprensa, assim como também do Estado.

Cairus, em sua dissertação, não deixa dúvidas quanto isto. De acordo com este autor, desde o início dos anos 1930, começaram a se estreitar as relações entre os Gracie e o Estado, a partir da atuação daqueles junto aos aparatos repressivos do recém imposto governo Vargas. Assim, “A conexão dos Gracie com a Polícia Especial aparentemente começou em sua fundação em 1932. No início da década de 1930, os Gracie estavam ensinando jiu-

²⁸ Em uma longa entrevista à *Revista da Semana*, Carlos Gracie explica, ao se referir a sua academia: “o ambiente destina-se, evidentemente, a atrair o que de mais seletivo possa existir em matéria de cliente, isto é: **as nossas elites.**” Ao que é complementado pela *Revista*: “E de fato: como alunos e seguidores . . . podem ali ser encontrados, a qualquer momento, as figuras mais representativas do nosso mais alto escalão social. . . . inúmeros, diplomatas, senadores, deputados, vereadores, médicos, engenheiros, diretores de jornais . . .” (Grifo no original). Cf. *Revista da Semana*, 04 ago. 1956, p. 06. Hemeroteca Biblioteca Nacional (BNDigital), <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acessado em 25/09/2017.

jiu-jitsu em seu dojô para membros da Polícia Especial” (CAIRUS, 2012, p. 78).²⁹

Contudo, sua aproximação não se limitou a ensinar técnicas de jiu-jitsu à truculenta polícia especial de Vargas, surpreendentemente, como ainda aponta Cairus,

Depois de anos atuando no negócio de esportes de combate, no início do Estado Novo os Gracie conseguiram atrair audiências consideráveis, capturar a atenção da mídia e obter apoio estatal comparável apenas aos espetáculos de futebol.” (CAIRUS, 2012, p. 102).³⁰ (grifo nosso)

Com o passar dos anos, o poder e prestígio dos irmãos Gracie só aumentava. O apoio da grande imprensa, por exemplo, pode ser demonstrado por *O Cruzeiro*, maior revista em circulação, à época, atingindo todo o território nacional,³¹ que, em 1953, fez uma verdadeira campanha em favor do “jiu-jitsu brasileiro”, e em demérito da capoeiragem. Em uma extensa matéria, ilustrada com diversas fotografias de página inteira, anunciava euforicamente “a derrota da capoeira” ou, para não deixar dúvidas, “o crepúsculo da capoeira e a aurora do jiu-jitsu”.

O espetáculo foi retratado como um embate entre “atletas da academia Gracie “versus” valentões capoeiristas do Rio de Janeiro.” No decorrer da matéria, contudo, fica evidente a predileção da revista em relação aos atletas do jiu-jitsu, não apenas nos títulos e subtítulos da reportagem, apontados acima, mas também na contagem dos resultados.

Na noite de lutas, “Cirandinha”, apresentado pela revista como “o maior capoeira do Rio” à época, foi derrotado por Carlson Gracie; Rudolf Hermani, também capoeira, empatou com Guanair, aluno da academia Gracie, em uma luta em que a própria revista afirma ter, aquele, além de dominado, evidenciado “mais combatividade.” O terceiro lutador, “Tatuzinho”, derrotado por Robson Gracie, não é apontado pela reportagem como capoeira. Contudo, na matéria, *O Cruzeiro* “decretava” – à revelia da contagem geral, que não deixava claro uma vitória avassaladora do jiu-jitsu sobre a capoeira –, a “morte” da capoeiragem ao anunciar, para todo o Brasil, o “túmulos dos bambas”.³²

Afirmar, que a Revista *O Cruzeiro* “decretou a morte” da capoeiragem, não é mera figura de linguagem. É importante dimensionar o peso de uma campanha como esta, orquestrada pela referida revista, pois, era, como afirma Marlise Meyer,

na época, a principal publicação de seu segmento, o das revistas ilustradas, integrando, assim, o maior conglomerado de comunicação do Brasil, os Diários Associados. Único veículo a difundir imagens do país na maior parte do território nacional, a revista teve um importante papel na construção da memória visual do espaço brasileiro e, portanto, na representação do espaço nacional

²⁹ Tradução nossa.

³⁰ Tradução nossa.

³¹ Certamente, foi este exemplar que chegou às mãos do mestre Artur Emídio, em Itabuna, não em 1952, como ele afirmou anteriormente, mas em 1953.

³² Os capoeiras, até meados do século XX, eram conhecidos também como bambas. Ver Dias (2001).

(MEYRER, 2012, p. 1).

Todavia, apesar da contagem errada do resultado final feita por *O Cruzeiro*, é impossível negar a proeminência, à época, do “jiu-jitsu brasileiro” nos ringues sobre as demais lutas. Basta verificar que a trajetória vitoriosa construída pelos Gracie os tornou o alvo preferencial de todos os lutadores das demais modalidades, incluindo os capoeiras. Por décadas, a família Gracie construiu uma auto-imagem de lutadores imbatíveis. Deste modo, subir aos ringues com um Gracie era o sonho de todo lutador. Eram constantes os desafios lançados ao “clã”, muitas vezes por aventureiros que desejavam fazer carreira, caso vencessem a disputa.

Não por acaso, o *Jornal dos Sport*, ao anunciar a referida luta entre Carlson Gracie e Luis Aguiar, o Cirandinha, destacava o fato de que, aquele era “o preferido dos adversários”,³³ ou seja, todos os lutadores que acederam ao desafio desejavam lutar com o principal representante dos Gracie naquele evento esportivo.

Em uma nota lamuriosa assinada por Ruy Duarte, no *Diário Carioca*, tem-se a dimensão do que a família Gracie já havia alcançado ainda nos anos 1950. Segundo o comentarista:

É verdade que chovem candidatos a uma luta com qualquer um dos Gracie. Derrotar um dos Gracie é se candidatar a uma bolsa valiosa em futuro próximo. Valdemar Santana, vencendo Hélio Gracie sem entradas pagas, lutou mais duas vezes no Maracananzinho, com outro Gracie, explorou o cartaz adquirido por ai afora, e com isso já ganhou mais de um milhão. E ainda está ganhando. [...] *Derrotar um Gracie, mesmo em recinto fechado, mesmo em ambiente privado é tirar a sorte grande. E é esse bilhete premiado que todos procuram.*³⁴ (Grifo nosso)

Diferentemente do que ocorria nos anos 1920/1930, quando os Gracie tentavam se firmar nos ringues e buscavam lutadores para demonstrar a “superioridade” de sua arte marcial, nos anos 1950, com a fama de campeões consolidada, escolhiam a dedo os seus desafiantes, sendo aceito, segundo eles próprios, somente “o desafiante [que] mereça ser confrontado com um Gracie”.³⁵

Deste modo, não seria demasiado absurdo, especular que o mestre Artur Emídio, quando ainda morava em Itabuna, ao ver a capoeira ultrajada nas páginas de *O Cruzeiro*, na matéria referida anteriormente, sendo um entusiasta da capoeiragem, ansiava também por uma luta com tão famosos atletas, para, em suas palavras “demonstrar o que era a verdadeira capoeiragem.” Na verdade, toda a sua trajetória, discutida até aqui, aponta para isso.

Neste sentido, a aceitação ao desafio lançado pelo mestre Artur

³³ *Jornal dos Sports* 15 mar. 1953. Hemeroteca Biblioteca Nacional (BNDigital), <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acessado em 03/09/2017.

³⁴ *Jornal Diário Carioca* 17 abr. 1957. Hemeroteca Biblioteca Nacional (BNDigital), <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acessado em 03/09/2017.

³⁵ *Revista da Semana*, ano 55, n. 31, Rio de Janeiro, 04 ago. 1956, p. 06. Hemeroteca Biblioteca Nacional (BNDigital), <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acessado em 04/06/2017.

Emídio, em 1957, cerca de quatro anos após à “derrota da capoeira” anunciada por *O Cruzeiro*, quando a família Gracie já atingira o topo de prestígio e popularidade, demonstrava, entre outras coisas, que Emídio não era apenas “um capoeira qualquer”, brigador de rua, ou valentão, como Cirandinha era conhecido, pelo contrário, era um lutador que “merecia ser confrontado com um Gracie”.

Apesar de sua derrota, dois anos antes para Rudolf Hermani, assim que chegara ao Rio de Janeiro, a imprensa apresentava o mestre Artur Emídio agora como um perito em capoeiragem, lutador mais maduro e experiente, além de melhor preparado. A luta, com ampla cobertura da imprensa, foi anunciada também, como o “tira-teima” definitivo entre a capoeira e o jiu-jitsu, como apontava o jornal *Diário Carioca*:

As lutas entre os representantes do “jiu-jitsu” e da capoeira já foram realizadas, em diversas oportunidades nessa cidade. Mas, agora, o encontro entre Robson e Emídio é mais do que apenas, o confronto dos dois sistemas de luta. É que, da parte do capoeirista, segundo ele próprio afirma, existe um conhecimento mais aprofundado da técnica e do sistema da luta. Essa circunstância o credencia como um adversário perigoso para o representante da academia Gracie. De sua parte, Robson Gracie é pessoa para quem o jiu-jitsu não tem mais segredos. De forma que *os dois lutadores podem ser apontados como representantes máximos do sistema de luta que defendem. E assim, o cotejo entre os dois, sábado próximo, tem o sabor das provas dos nove, nessa sempre discutida superioridade da capoeira sobre o “jiu-jitsu.”*³⁶ (Grifo nosso)

Percebe-se, claramente na nota, o clima de rivalidade antiga entre os dois “sistemas de luta”, que agora se defrontariam pela derradeira vez, para, de uma vez por todas, constatar-se qual das duas era superior. Para tanto, nada melhor do que dois exímios praticantes em sua arte, “representantes máximos” de cada uma das modalidades.



Hélio Gracie, ao fundo, junto com o capoeira negro Artur Emídio e Robson Gracie - fonte acervo particular do mestre Artur Emídio

Diante de uma oportunidade desejada por qualquer lutador de sua época, e de uma luta que atraia todas as atenções da imprensa e do mundo

³⁶ *Diário Carioca*, 09 abr 1957. Hemeroteca Biblioteca Nacional (BNDigital), <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acessado em 05/06/2017.

dos esportes ³⁷, o mestre Artur Emídio mais uma vez, utilizando o espaço a ele concedido, advogou em defesa da capoeiragem, ao agradecer em uma grande matéria, ilustrada com uma foto, e publicada pelo *Diário Carioca*, a “honra que lhe proporcionaram os Gracie, destacando um de seus mais capacitados lutadores para com ele lutar” e afirmar que de sua parte estava convencido

*de ser um representante legítimo do que chamou de “luta nacional”, a capoeira. Há 15 anos pratica essa modalidade de luta e embora conheça as outras, acha que ela, quando executada por um perfeito técnico, como é o seu caso, pode superar o “jiu-jitsu”.*³⁸ (Grifo nosso)

Note-se que o redator da matéria fez questão de destacar que o entrevistado, e não ele, chamou de “luta nacional”, a capoeira.

A luta foi realizada no dia 13 de abril de 1957, no Ginásio do maracanazinho. Seria, pode-se afirmar, a maior luta do mestre Artur Emídio nos ringues, pelo fato de seu adversário ser o representante de uma escola de campeões à época já reconhecida mundialmente. Para o mestre baiano, Robson era apenas um obstáculo entre ele e seu objetivo principal, Carlson Gracie, o lutador número um da família, substituto, nos ringues, de Hélio. Logo após a esperada vitória, “a estrela da Academia Gracie seria imediatamente desafiada” pelo mestre Artur Emídio.³⁹

Todavia, a capoeira foi derrotada novamente pelo jiu-jitsu. Parte da imprensa, que um dia antes da luta dava loas ao mestre Artur Emídio, no dia seguinte a sua derrota o execrou, afirmando que ele não havia demonstrado ter “o menor conhecimento de capoeira, de que se dizia especialista”.⁴⁰ A Revista *O Cruzeiro*, em uma nota ilustrada com uma imagem em que Robson finalizava o mestre Artur Emídio com um estrangulamento, aproveitou para mais uma vez para anunciar “a indiscutível superioridade do jiu-jitsu sobre a capoeira.”⁴¹

A derrota do mestre Artur Emídio foi um duro golpe, mas não o fim da carreira do mestre baiano como lutador e como entusiasta e defensor da capoeiragem. Menos de dois meses depois, em 01 de junho de 1957, uma pequena nota anunciava que voltaria “ao ring o capoeira Artur Emídio. Seu adversário será o “catch” Ademir. Acreditamos que o simpático baiano deverá apagar a má figura da luta com Robson.”⁴² Após a vitória sobre Ademir,⁴³

³⁷ Cf. *A Noite*, 08 abr. 1957. Hemeroteca Biblioteca Nacional (BNDigital), <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acessado em 05/10/2017.

³⁸ *Diário carioca*, 01 mar. 1957. Hemeroteca Biblioteca Nacional (BNDigital), <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acessado em 09/10/2017.

³⁹ *Diário Carioca*, 10 abr. 1957. Hemeroteca Biblioteca Nacional (BNDigital), <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acessado em 09/10/2017.

⁴⁰ *Diário Carioca*, 16 abr. 1957. Hemeroteca Biblioteca Nacional (BNDigital), <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acessado em 09/10/2017.

⁴¹ *O Cruzeiro*, 27 abr. 1957. Hemeroteca Biblioteca Nacional (BNDigital), <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acessado em 12/10/2017.

⁴² A nota consta no arquivo particular do mestre Artur Emídio. O *Jornal dos Sports* de 1 de junho, de 1957 também anuncia a luta. Cf. Hemeroteca Biblioteca Nacional (BNDigital), <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acessado em 12/10/2017.

⁴³ No arquivo particular do mestre Artur Emídio, outra pequena nota anuncia sua vitória por nocaute técnico.

representante da Academia Gracie, Emídio pediu a revanche para Robson, mas, seu pedido não foi aceito.

Até o início da década de 1960, pelo menos, diversos jornais ainda anunciavam desafios lançados ao mestre baiano,⁴⁴ alguns aceitos, mas, por volta do fim dos anos 1950, o mestre Artur Emídio cada vez mais se envolvia, enquanto capoeira, com apresentações na TV e participações em shows, nas mais famosas boates do Rio de Janeiro, assim como em diversos países da América Latina, Europa e Estados Unidos, o que pretendemos discutir em outra ocasião.

Considerações finais

Em pouco mais de curtos cinco anos morando no Rio de Janeiro, o mestre Artur Emídio já se tornara uma personagem conhecidíssima na então capital federal. Entre 1953 e 1960 encontramos aproximadamente, em diversos periódicos da imprensa escrita, dezenas de referências a ele, que vão desde pequenos anúncios e notas, até entrevistas, polêmicas, matérias e reportagens especiais.

Além disso, no mesmo período, o mestre baiano fez aparições nas TVs Tupi, Rio e Record, como convidado de programas diversos, para entrevistas, exposições com seus alunos, e organização/participação em campeonatos de capoeira exibidos ao vivo.

Consta também sua participação no filme nacional, “Massagista de madame” (1959), dirigido pelo cineasta Victor Lima, produzido pela empresa Herbert Richers, e protagonizado pelas estrelas da época, Zé Trindade, Oscarito e Dercy Gonçalves. Tal feito coloca o mestre Artur Emídio entre os pioneiros na inserção da capoeira no cinema.⁴⁵

A participação da capoeira nesta “comédia musical” ganhou notoriedade na imprensa. O *Jornal dos Sports*,⁴⁶ por exemplo, anunciava em sua parte superior, em letras garrafais, entre o elenco principal do filme, “a Escola de capoeira de Artur Emídio.” Para se ter dimensão da publicidade que o filme proporcionou à capoeira, mesmo que indiretamente, segundo a *Revista Radiolândia*, “Massagista de madame bateu todos os recordes do cinema nacional.”⁴⁷

Para dimensionar a importância da atuação do mestre Artur Emídio

⁴⁴ Como exemplo, Cf. jornal *Luta Democrática* 11 jul. 1958; 25 abr. 1959; 21 ago. 1959; 09 jan. 1960. Hemeroteca Biblioteca Nacional (BNDigital), <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acessado em 19/10/2017.

⁴⁵ Luís Castro Júnior (2010), no livro “Campos de visibilidade da capoeira baiana”, discute, dentre outras coisas, as relações entre a capoeira e o cinema. Na obra, porém, não inclui, certamente por desconhecimento, “Massagista de madame” entre a filmografia analisada por ele. Seguindo sua cronologia de filmes com a presença de capoeira, a partir da década de 1950, o filme de Victor Lima é o segundo, só precedido por “Vadiação”, de Alexandre Robatto Filho, de 1954.

⁴⁶ *Jornal dos Sports*, 06 de nov. de 1959. Hemeroteca Biblioteca Nacional (BNDigital), <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acessado em 11/10/2017.

⁴⁷ *Radiolândia*, Ano VI, n. 297, p. 25, 12 dez. 1959. Hemeroteca Biblioteca Nacional (BNDigital), <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acessado em 11/10/2017.

como “mediador cultural” é necessário perceber que ela se insere em um contexto histórico em que a capoeira estava “abandonada” no Rio de Janeiro e no país, segundo os próprios jornais. E com muita dificuldade, desde os anos 1930, pelo menos, vinha dando passos, principalmente a partir de Salvador, no sentido de preservar sua própria existência.⁴⁸

Deste modo, o mestre Artur Emídio, ao possibilitar uma presença permanente da capoeiragem nos meios de comunicação do Brasil, na década de 1950, ampliou o raio de ação dos capoeiras na busca de sua preservação, além de abrir uma nova frente de atuação, no epicentro da vida econômica política e cultural do país na época, o Rio de Janeiro.

Isto possibilitou que a prática atingisse um público muito mais vasto e que dificilmente teria outro meio de contato com a capoeira, a não ser, através das páginas dos jornais, das imagens da TV ou nos ginásios, onde se digladiavam os lutadores. Imagine-se, por exemplo, o impacto sobre os leitores e sobre os capoeiras, quando, na capa da edição número 62 da *Revista do Esporte*, depararam-se com a manchete: “campeã de tênis adere a capoeira”.⁴⁹

Além da atuação nos ringues e junto à imprensa, ainda na década de 1950 o mestre Artur Emídio começou a dar aulas de capoeira regularmente. Além de sua academia na Rua Democráticos, n. 1313, em Higienópolis, área periférica da cidade, conseguiu, com muito custo, abrir outra na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 583, Zona Sul, porém esta não durou muito tempo. Seus primeiros alunos,⁵⁰ além de o acompanharem em eventos, TVs, ginásios, shows, e em diversos outros momentos, para exposições, espetáculos e lutas, deram continuidade à prática da capoeiragem.

“Atualmente, a capoeira se encontra presente em mais de 150 países, atraindo praticantes e estudiosos dos cinco continentes do planeta. A sua globalização [foi] feita sem incentivo governamental” (IPHAN, 2007, p. 63). Como afirmado no início deste artigo, diversos personagens, anônimos em sua maioria, foram responsáveis para que a capoeiragem chegasse tão longe, sem qualquer apoio das “autoridades”, tão solicitada por tantos, e tantas vezes. O mestre Artur Emídio de Oliveira é uma dentre elas.⁵¹

⁴⁸ Para mais sobre as estratégias de resistência da capoeiragem na Bahia, Cf. (ASSUNÇÃO, 2014).

⁴⁹ Revista do Esporte, ano 02, n. 62, 1960. Tratava-se de Lucy Maia, um dos maiores nomes do tênis feminino brasileiro, dentre os inúmeros títulos, campeã brasileira de tênis em 1959. Treinou capoeira certo tempo com o mestre Artur Emídio e chegou a participar de algumas exposições. Hemeroteca Biblioteca Nacional (BNDigital), <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acessado em 11/10/2017.

⁵⁰ Em 1959, na Revista do Esporte, ano 1, n. 30, o mestre Artur Emídio declarava: “Já tenho alunos como Robson Paulo, Djalma Bandeira, Ivan Martins, Renato Dantas e outros, capazes de me ajudarem a colocar a capoeira no lugar de destaque que ela merece.” Hemeroteca Biblioteca Nacional (BNDigital), <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, acessado em 19/10/2017.

⁵¹ O realce que ganhou o mestre Artur Emídio no período talvez possa ser explicado, dentre outros fatores, por sua atuação nos ringues, bom trânsito entre meios de comunicação e boas relações profissionais com setores da elite local, como por exemplo, com o empresário e produtor cultural Carlos Machado, que o introduziu em vários espetáculos nos anos 1950 e 1960. Contudo, o mestre Artur Emídio não foi o único pioneiro da capoeira no Rio de Janeiro, entre os anos 1940 e 1950. Deve-se destacar ainda, dentre outros, os mestres Mário Santos, Pitu (Roque Mendes) e Joel Lourenço do Espírito Santos citados por

Sua persistência, mesmo diante de algumas derrotas, certamente dolorosas, em sua luta por perpetuar a prática da capoeiragem, e torná-la conhecida e valorizada enquanto “a luta nacional”, foi de importância incalculável para transpor inúmeras barreiras impostas pelo histórico preconceito existente sobre esta manifestação, vista à época, como prática de malandros e vagabundos, e garantir-lhe, dentre outras coisas, sua sobrevivência e reconhecimento social.

Referências

ABREU, Frederico José de. *“Bimba é bamba”*: a capoeira no ringue. Salvador: Instituto Jair Moura. 1999.

ASSUNÇÃO, Matthias Rohrig. *Capoeira*. The history of an Afro-brazilian martial art. Routledge: London, 2005.

_____. *Ringue ou academia?* A emergência dos estilos modernos da capoeira e seu contexto global. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Mar 2014, vol.21, no.1, p.135-150.

AREIAS, Almir das. *O que é capoeira*. 1ª Edição, São Paulo, brasiliense, 1983.

AWI, Felipe. *Filho teu não foge à luta*: como os lutadores brasileiros transformaram o MMA em um fenômeno mundial. Intrínseca: Rio de Janeiro, 2012.

BRIGLIA, Tcharly Magalhães e SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. *Percursos da nação e do feminino nos anos dourados*. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras, linguística e suas interfaces* n. 40, p. 203-221, 2010.

CAIRUS, José. *The Gracie clan and the making of Brazilian jiu-jitsu*: national identity, performance and culture, 1801-1993. Tese (Doutorado) – Graduate Programme in History, York University, Toronto. 2012.

CAPOEIRA, Nestor. *Os fundamentos da malícia*; Il. Carybé. – Rio de Janeiro: Record, 1992.

CARVALHO, Inaiá M. e PEREIRA, Gilberto C. (Org.). *Como anda Salvador e sua região metropolitana [online]*. 2nd. ed. rev. Salvador: Edufba, 2008.

CASTRO JÚNIOR, Luís Vitor. *Campos de visibilidade da capoeira baiana*: as festas populares, as escolas de capoeira, o cinema e a arte (1955 - 1985). Brasília: Ministério do Esporte/ 1º Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social, 2010.

ASSUNÇÃO (2005).

CHARTIER, Roger. *El mundo como representacion*. Gedisa editorial: Barcelona, 1992.

_____. *A história cultural entre práticas e representações*. DIFEL, 1988.

DIAS, Luiz Sérgio. *Quem tem medo da capoeira?* Rio de Janeiro, 1890- 1904. - Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Divisão de Pesquisa, 2001. 204 p.: il. - (Memória Carioca; v.1)

FERREIRA, Izabel. *A capoeira no Rio de Janeiro: 1890-1950*. Rio de Janeiro: Novas Ideias, 2007.

FIORIN, José Luiz. *A construção da identidade nacional brasileira, bakhtiniana*. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 115-126, 1o sem. 2009.

FREITAS, Joseania Miranda. (Org.). *Uma coleção biográfica: os mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-brasileiro da UFBA*. Salvador: EDUFBA, 2015.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. SP, Cia das Letras, 2006.

GOMES, Angela Maria de Castro e HANSEN, Patricia Santos (org.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

HAMBURGER, Esther e BUCCI, Eugênio (org.). *A tv aos 50 criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. 1ª edição, editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2000.

HOBSBAWN, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Tradução : Maria Célia Paoli, Ana Maria Quirino). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOBSBAWN, Eric e RANGER, Terence (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IPHAN. *Dossiê do inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil*. Brasília: Iphan, 2007.

LISE, Riqueldi Straub. *Entre diretos, ceintures avant, chaves de braço e rabos de arraia: os primórdios dos combates Intermodalidades na cidade do rio de janeiro (1909-1929)*. (Dissertação de mestrado) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

LOPES, André Lacé. *A capoeiragem no Rio de Janeiro: primeiro ensaio: Sinhozinho e Rudolf Hermann*. Rio de Janeiro: Ed. do autor. 2002.

MATTOS, Sérgio. *Um Perfil da TV Brasileira: 40 anos de história* -

1950/1990. Salvador: Associação Brasileira de Agências de Propaganda/ Capítulo Bahia: A Tarde, 1990.

MEYRER, Marlise Regina. *Representações do Rio de Janeiro nos anos 50: o paraíso tropical ameaçado*. Revista Memória em Rede, Pelotas, v.2, n.7, Jul./Dez.2012.

MOREIRA, Inaiá de Carvalho e PEREIRA, Gilberto Corso (Org.). *Como anda Salvador e sua região metropolitana [online]*. 2nd. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

MOURA, Jair. *A capoeiragem no Rio de Janeiro através dos séculos*. 2ª Edição, Salvador: Jm Gráfica e editora Ltda, 2009.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. *A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937)* Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 1996.

_____. *Movimentos da cultura afro-brasileira: a formação histórica da capoeira contemporânea, 1890-1950*. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas. 2001.

REIS, Leticia Vidor de Sousa. *O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil*. São Paulo: Publisher Brasil. 1997.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil de Getúlio a Castelo (1930-1964)* – 7ª. Ed, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

_____. *A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro 1850-1890*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994.

SODRÉ, Muniz. *Mestre Bimba: corpo de mandinga*. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

THIESSE, Anne-Marrie. *Ficções criadoras: as identidades nacionais*. Anos 90, Porto Alegre, n. 15, 2001/2002.

VASSALO, Simone Ponde. *Capoeiras e intelectuais: a construção coletiva da capoeira "autêntica"*. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n. 32, p. 106-124, 2003.

_____. *Resistência ou Conflito? O legado folclorista nas atuais representações do jogo da capoeira*. Campos 7(1):71-82, 2006.

